

# DUAS HISTÓRIAS SOBRE O GAVIÃO CONTADAS NO ANTIGO PROTETORADO DO SUL DA NIGÉRIA; OU, TEXTO DA APRESENTAÇÃO DA DEFESA DE DOUTORADO DE UMA TRADUTORA DE HISTÓRIAS CONTADAS

DEUX HISTOIRES AUTOUR DU FOUCON DANS L'ANCIEN  
PROTECTORAT DU SUD DU NIGÉRIA: OU, LE TEXTE DE LA  
PRÉSENTATION DE LA DÉFENSE DE LA THÈSE DU DOCTORAT  
D'UNE TRADUCTRICE DES HISTOIRES RACONTÉES.

Feibriss H. Meneghelli Cassilhas

---

**RESUMO:** Este texto é referente a apresentação da minha tese de doutorado intitulada Tradução de Histórias do Sul da Nigéria: Por uma consciência da tradução-contação na voz de uma bixa preta transviada no Brasil. Esta tese foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no dia 1 de novembro de 2019, as 9 horas da manhã na sala Machado de Assis no prédio B do Centro de Comunicação e Expressão (CCE-B) da mesma universidade. Em alguns momentos da minha apresentação eu li este texto e em outros improvisei deslocando o olhar do papel, acrescentando ou retirando informações. Para esta publicação foi feita uma revisão do texto da apresentação sem grandes alterações, tendo como foco apenas melhorá-lo e não alterar seu conteúdo de maneira significativa.

**PALAVRAS CHAVE:** Nigéria; Histórias contadas; Tradução; Bixa preta transviada.

---

**RÉSUMÉ:** Ce texte fait référence à la présentation de ma thèse de doctorat intitulée *Traduction de l'Histoire du Sud de Nigéria: Pour une 'peauscience' de la traduction-racontage dans la voix d'une pédé-nègre-transsexuelle au Brésil*. La thèse en question a été soutenue dans le programme de troisième cycle en traduction (PGET) de l'Université fédérale de Santa Catarina (UFSC) le 1<sup>er</sup> novembre 2019, à 9 heures dans la salle Machado de Assis dans le bâtiment B du Centre de Communication et Expression (CCE-B) de la même université. À certains moments de ma présentation, j'ai lu ce texte et à d'autres moments, j'ai improvisé en déplaçant mon regard du papier, en ajoutant ou en supprimant des informations. Pour cette publication, une révision du texte de la présentation a été effectuée sans changements majeurs, en se concentrant uniquement sur son amélioration et sans altérer sensiblement son contenu.

**MOTS-CLÉS:** Nigéria; Des Histoires Racontées; Traduction; Pédé-Nègre-Transsexuelle.

## Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

## Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil



# DUAS HISTÓRIAS SOBRE O GAVIÃO CONTADAS NO ANTIGO PROTETORADO DO SUL DA NIGÉRIA; OU, TEXTO DA APRESENTAÇÃO DA DEFESA DE DOUTORADO DE UMA TRADUTORA DE HISTÓRIAS CONTADAS

Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas<sup>1</sup>

Bom dia a todas, a todes e a todos. O meu nome é Feibriss e eu sou uma tradutora de histórias contadas.<sup>2</sup> Agradeço imensamente a presença de todxs na minha defesa de doutorado. Obrigado pelos afetos, amores, pelos interesses acadêmicos e intelectuais, por todas as trocas, construções coletivas que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço aos familiares e amigos que estão presentes apesar da distância. Agradeço e peço licença a minha ancestralidade que se faz presente. Agradeço ao meu pai, o meu primeiro contador de histórias que me embalavam antes de dormir. Agradeço a minha mãe que tentava me contar histórias mesmo eu dizendo que preferia ouvir as histórias do meu pai porque ele fazia vozes diferentes para as personagens. Em menção a meus pais agradeço a toda minha família que se faz presente em oração e em intenção. Agradeço à todas as amigas que já passaram pelo *Sarau Vozes Negras*<sup>3</sup> e que passarão por fazerem da minha vida poesia negra.

Agradeço a banca por aceitarem o convite para participar desta defesa. Sinto-me muito honrada de entregar meu trabalho nas mãos de vocês. À professora Meritxell Hernando Marsal (UFSC) por ter aceitado participar da minha banca e da qualificação após ter acompanhado a minha trajetória durante o doutorado com contribuições tão valiosas. À professora Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR), que tive a felicidade conhecer em Gaspar em 2017 na conferência de encerramento do VI Sernegra e depois de reencontrá-la em 2019 aqui em Florianópolis da UDESC na defesa de mestrado da Vulcanica Pokaropa. Antes de encontrá-la, eu já acompanhava seu trabalho, e um dos momentos mais emocionantes da minha trajetória na pós-graduação certamente foi assistir uma palestra da professora Megg Rayara Gomes de Oliveira. Ao professor

---

<sup>1</sup> Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas é Tradutora de Histórias Contadas, Poeta-performer, Doutora em Estudos da Tradução e atualmente atua como Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no departamento de Letras Germânicas na Área de Língua e Literatura de Língua Inglesa. E-mail para contato: [fhenrique.mc@gmail.com](mailto:fhenrique.mc@gmail.com)

<sup>2</sup> Para conhecer mais sobre as produções de uma tradutora de histórias contadas acesse o site <https://medium.com/@feibrisstradutoradehistorias>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

<sup>3</sup> O Sarau Vozes Negras é um grupo de estudantes negrxs que se conheceu na UFSC e que realiza atividades de leituras e performances poéticas de autorxs negrxs na Grande Florianópolis. Esta é uma das formas que encontramos para manifestar a nossa insatisfação com o descumprimento da lei 10.639/2003 nas instituições de ensino. Juntamos nossas vozes para resistir ao apagamento das nossas histórias no ambiente universitário e em escolas regulares, mas ocupamos também os mais diversos espaços com nossa poesia. Declamamos poesias que contam nossas histórias e reivindicam nossas lutas. Acompanhe nosso trabalho nas redes sociais Facebook (<https://www.facebook.com/vozesnegras/>) e Instagram (<https://www.instagram.com/vozesnegras/>).

Tiganá Santana Neves Santos (USP) que conheci há pouquíssimo tempo quando foi convidado para a aula inaugural no nosso programa (PGET/UFSC) neste mesmo semestre, mas que já tenho grande estima. Ao professor Kall Lyws Barroso Sales (UFAL) que já acompanha bem de perto a minha trajetória na PGET desde o início do mestrado. Eu não tenho nem como agradecer a sua presença nessa banca, se eu consegui chegar até aqui foi com o apoio e o afeto de pessoas como você, eu admiro muito sua postura como acadêmico profissional e fico feliz de ter dividido tantos momentos contigo na pós-graduação. A professora Eliane Debus, por aceitar o convite para ser suplente da banca, um papel importantíssimo dada o momento em que eu me encontro. Figo feliz que as nossas trajetórias estejam se aproximando, a muito tempo já admirava sua trajetória e fico feliz de estarmos mais próximas. Agradeço às minhas orientadoras por me permitirem escolher a banca, cada umx de vocês foi escolhidx porque tenho uma grande admiração pelas suas trajetórias.

Agradeço as minhas orientadoras e Evelyn Schuler Zea e Simone Pereira Schmidt por toda parceria desde o mestrado, quando fizeram parte da minha qualificação e da defesa da minha dissertação. A Evelyn que vem contribuindo com a minha trajetória na pós-graduação desde a disciplina de Antropologia e Tradução (2014) durante o mestrado, me agradou tanto a sua atuação como a professora que fiz questão de me aproximar e sou muito grata por ter sido acolhida. A Simone eu conheci primeiro pelo lattes, quando a Rosvitha Friesen Blume, minha orientadora do Mestrado a sugeriu para a minha qualificação: “Ela foi a minha orientadora, e eu acho que vai ter muito a contribuir com o seu trabalho”. Gostei do Lattes da professora e desde a qualificação do mestrado a gente não se largou.

Deixo registrado minha grande admiração por todxs vocês professorxs da banca e orientadoras. Antes de começar a falar sobre o meu trabalho, gostaria de chamar aqui para esta sala o espírito de tradutoras e tradutores de histórias que já partiram. A saudosa professora Irene Irch que foi a professora de tradução com a que tive mais aulas até hoje, carrego comigo teus ensinamentos e muita saudade, tradutoras e tradutores de história que atravessaram o atlântico sequestrados e que continuaram a contar histórias, aqueles e aquelas que tragicamente e/ou heroicamente não concluíram este trajeto, chamo todas, todes e todos vocês pois esta sala é muito pequena para nós apenas. Todxs as outrxs contadorxs de histórias que possibilitaram que os livros que utilizei nesta pesquisa fossem escritos: Abassi de Inkum; Ennenni, uma mulher Okuni; Ewonkon, uma mulher Ikom e muitas outras, e muitos outros, e muitas outras.

Agora sim eu posso começar. Hoje eu vou contar para vocês duas histórias que eu traduzi do Inglês para o português. Estas histórias foram escritas em 1910 e 1913, por um comissário distrital do Protetorado do Sul da Nigéria, seu nome é Elphinstone Dayrell. Embora possam ser encontradas em livros, sabemos que elas são muito mais antigas do que isso, mais antigas até mesmo do que a pessoa mais velha que vivia naquela época. Elas foram contadas em línguas africanas que não sabemos ao certo quais são, traduzida para o inglês crioulo por intérpretes da região que não foram nomeados e, por fim, traduzidas para o inglês europeu pelo comissário distrital. Estas histórias estão publicadas nos livros *Folk Stories from southern Nigeria – West Africa* (1910) e *Ikom stories from Southern Nigeria* (1913). Para conhecermos melhor o contexto deste livro, é importante entender que temos um protetorado quando um estado estrangeiro (Nigéria) é colocado sob autoridade de outro (Inglaterra), sendo que o estado que tem autoridade (Inglaterra) é visto como protetor como indica o termo. Já um comissário distrital tinha como obrigação “prover a administração da justiça, a arrecadação de impostos e em geral, a paz, a ordem e o bom governo do Sul da Nigéria e de todas as pessoas, incluindo a proibição e a punição de atos que tendem a perturbar a paz pública.” (Anene, 1956, p.20). Neste contexto, ao contar essas histórias traduzidas eu ressignifico a sua existência traduzindo as em mim pelo meu corpo e subjetividade bixa preta e transvida como um processo de cura de feridas coloniais, para não perpetuar justificativas para a colonização que criou a narrativa da necessidade de uma intervenção branca e europeia para se ter proteção, justiça, e paz; ao traduzir histórias, eu denuncio a hipocrisia da metrópole que é opressora injusta e violenta.

Hoje contarei duas histórias, mas em toda esta tese que será defendida hoje foram traduzidas seis. Mas antes de lhes contar essas histórias, deixe-me começar a falar um pouco sobre a estrutura desta tese: no primeiro capítulo apresento a minha pesquisa em **uma introdução ou tratado manifesto marcado não neutro na voz de uma bixa preta transviada**. Neste momento apresento minha intenção de que este trabalho seja uma atividade de exercício de escrita que não se propõe neutra e nem universal, uma escrita marcada que traz a minha experiência e a minha vivência para a pesquisa como fundamental. Faço isso porque entendo, assim como **Grada Kilomba** (2016) que a exigência de uma escrita universal e neutra é uma forma de silenciar vozes não hegemônicas e de colocar nossas pesquisas na margem. Este silenciamento faz parte da manutenção de uma “hierarquia violenta que determina quem pode falar”, e acrescento que determina o que é paz e proteção enquanto faz guerra.

Ainda neste primeiro capítulo, apresento o corpus do meu trabalho, ou seja, os textos que selecionei para traduzir e comentar, e explico o meu projeto de tradução de histórias contadas ou contação de histórias traduzidas, pois uma das maneiras como eu apresento esta tese é redigindo

o texto, a outra é contando histórias traduzidas em 2 apresentações que chamei de *Contra a Hipocrisia Colonial*.<sup>4</sup> Cada uma dessas apresentações alimenta dois capítulos da tese assim como os capítulos alimentam as apresentações.

O segundo capítulo é referente a primeira apresentação que fizemos e foi nomeado: “Contra a Hipocrisia Colonial: Sejamos todxs contadorxs de histórias”. Nele apresento as três primeiras traduções de histórias, que são também as histórias traduzidas contadas em uma apresentação de mesmo nome. **A história de Awu, o gavião e as crianças gêmeas de inkum; ou, porque o gavião tem direito as galinhas** é a segunda história deste capítulo e a primeira que contarei hoje:

**Awu era uma mulher que morava em Inkum, cidade que ficava à margem direita de Cross River, um rio que se encontra no território que hoje chamamos de Nigéria. Awu era muito linda e participava de muitas danças e brincadeiras em todos os quatro *compounds* de Inkum. Awu concebe enquanto vai para a floresta pegar lenha. Ela concebe com oito meses de gestação por conta de um acidente, um galho atinge sua barriga. Ela se envergonha e teme por sua vida e pela vida de suas crianças, por ter parido crianças gêmeas, elas seriam mortas se fossem levadas para a cidade, e Awu seria abandonada na Floresta para morrer de fome. Ela então decide ficar com a primeira que nasceu – uma menina chamada Aro – e deixa a segunda criança embaixo de um pé de árvore, mas antes lhe deu um nome, Agbor. Essa criança foi resgatada enquanto era atacada por *formigas siafu* e criada pelo gavião. Anos depois Awu reencontra o filho já moço e com a ajuda do porco-espinho consegue recuperá-lo. O Gavião exige o menino de volta, pois afinal, foi ele quem o salvou, alimentou e criou, mas as pessoas daquela cidade barganharam o menino, trocando-o por uma cesta de ovos. O gavião pegou essa sexta e antes que o dia amanhecesse deixou um ovo em cada uma das casas daquele país, ficando com um total de zero ovos para si. Depois de um tempo ele decide que chegou a hora de se vingar daquelas pessoas e passa a voar de cidade em cidade pegando galinhas de todos os *compounds*. Naquela época, ninguém sequer pensava em criar qualquer problema com o gavião, pois ele tem direito às galinhas, mas hoje em dia quando um gavião da um rasante e agarra uma galinha, as pessoas gritam e tentam matá-lo, pois se esqueceram da história de como Agbor, a criança gêmea, foi trocada por uma cesta de ovos.**<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Durante o doutorado criei o canal *Tradução de Histórias Contra a Hipocrisia Colonial* no YouTube para divulgar vídeos de atividades deste projeto. A proposta do canal é continuar existindo após a publicação da tese. O canal está disponível no link <https://www.youtube.com/channel/UC3Q5Wnucci0FMCgX76TJ8Q>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

<sup>5</sup> Esta história é uma versão encurtada da tradução da história *How an Inkum woman abandoned one of her twins in the forest, and how it was saved by the hawk*. A história na íntegra foi publicada em minha tese e o texto em inglês escrito por Elphinstoney Dayrell faz parte do livro *Inkom Stories from Southern Nigeria* (1913).

Escolhi esta história para este capítulo porque queria confrontar como histórias como essas foram contadas para desumanizar povos negros africanos. Neste caso, o estigma sobre a morte de gêmeos em algumas culturas foi utilizado para justificar e legitimar a colonização e ainda persiste na Colonialidade. Para Aníbal Quijano (2010) Colonialidade e Colonialismo são conceitos diferentes mas vinculados, sendo a Colonialidade um enraizamento e um prolongamento do colonialismo que por sua vez é esta conhecida estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população vai determinar outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. A Colonialidade é entendida pelo autor como mais profunda e duradoura que o Colonialismo.

Denunciando a hipocrisia colonial, vejo no próprio conto, uma potência para refutar este discurso, pois quando Agbor retorna para sua mãe, todas as pessoas presentes apoiam que ele fique com ela, demonstrando que o questionamento e a mudança em uma cultura não precisam vir do colonizador europeu de pele branca. A história nos mostra uma situação complexa com personagens complexas que eu me recuso a rotular como boas ou más, rejeitando o mal personificado presente na cosmologia cristã, principalmente quando essas narrativas são usadas para desumanizar povos e grupos racializados. Nesta história temos pelo menos três lados, o de Awu, o do gavião e o da comunidade, e a tensão entre esses lados traz no próprio conto a complexidade de um/a cultura/sociedade/mundo/povo. Ao contar esta história, em minhas apresentações conto também sobre a existência de povos que comemoram o nascimento de gêmeos neste mesmo território chamado Protetorado do Sul da Nigéria, como é o caso dos Balungs, pertencentes ao grupo etnolinguístico Bantu. Entre Binis e Esas, povos pertencentes ao grupo etnolinguístico Edo, o Rei era imediatamente informado quando nasciam crianças gêmeas para que se iniciassem as festividades, já que crianças gêmeas eram consideradas bom presságio (TALBOT, 1926, p. 723).

Nesse projeto de Tradução de Histórias, traduzo notas de Elphinstone Dayrell (1910, 1913) e crio outras a partir da minha necessidade e interesse. Na tese, apresento uma nota para as *formigas siafu* junta desta história, pois acho interessante que quem leia esta história saiba que estas formigas, que são chamadas de *driver ants* em inglês, são formigas carnívoras que atacam em carreiras maciças que cobrem o chão da floresta e que são conhecidas por atacar animais domésticos e até mesmo humanos. Elas são bem maiores do que as formigas com as quais estou acostumada, a rainha da espécie, por exemplo, é a maior formiga conhecida, podendo chegar a ter mais de 5 centímetros. Criei uma nota sobre as formigas com a intenção de trazer a imagem destas formigas na mente de quem lê esta história. Quando conto esta história

das minhas apresentações, faço comentários sobre as formigas, hora durante a contação de histórias traduzidas, ora entre uma história e outra quando faço meus comentários sobre o projeto, a escolha das histórias e as suas traduções como estou fazendo neste momento.

É neste capítulo também que apresento o projeto e a sua metodologia. Após escolher os contos eu traduzo o texto para uma versão escrita, gravo a minha leitura destes textos, escuto o áudio e reviso o texto escrito. A próxima etapa é memorizar a história (ou praticar a leitura em voz alta), realizo a apresentação onde conto as histórias traduzidas e depois retorno ao texto escrito para possíveis e prováveis alterações. Apresentei essas histórias em pelo menos dois formatos diferentes, no primeiro eu memorizei as histórias e as contei em um palco, e após a apresentação, conversei com a plateia sobre as suas impressões. O outro formato escolhido, foi o de fazer a leitura dessas histórias em voz alta em uma sala de aula sentada em círculo, desta vez os comentários eram feitos após cada leitura e não no final. A atividade foi realizada no *GEPET obre obras afro-brasileiras, africanas, afrodiáspóricas e suas traduções*, grupo do PET Letras da UFSC organizado por mim, Nicole Rabello, Jefferson Bruno Moreira Santana e Maria Aparecida Araújo.

Além desta história, o primeiro capítulo traz **A história de porque devemos sempre ser a primeiras pessoas a comer a comida que oferecemos** e **A História de como canibais levaram as pessoas da montanha Insofan para crossriver**. Estas histórias traduzidas são sempre comentadas e intercalam debates sobre neutralidade racial a partir de Silvio Almeida (2018), Chimanada Ngozi Adichie (2013) e Mellody Hobson (2014), e representatividade a partir de Linn da Quebrada (2017) e Megg Rayara de Oliveira Gomes (2018) trazendo o ponto de vista marcado de uma bixa preta transviada.

Encerro o capítulo dois narrando a experiência de contar essas histórias traduzidas. Nesta parte, vocês poderão conhecer um pouco da trajetória desta pesquisa, as minhas parcerias (Rica, Luck, Eli, Silvio, Jess, entre outras pessoas), poderão conhecer os meus encontros, e um pouco sobre como essas histórias foram recebidas. Nesta última parte do capítulo conecto a minha prática escrita a minhas apresentações de maneira mais linear, dividindo este processo que não é apenas um processo de articulação entre escrita e apresentação, mas um processo de me construir tradutora de histórias contadas e de me modificar ao traduzir essas histórias.

O terceiro capítulo vai apresentar uma estrutura bem parecida com o segundo, ele foi nomeado de “Contra a hipocrisia colonial II: Contando Histórias de ovelhas, corujas e crocodilos” e cada animal desse subtítulo é uma referência a uma história. Optei por contar para vocês a segunda história deste capítulo, **A história do gavião e da coruja**:



Nos tempos antigos, quando Effiong era o rei de Calabar, todas as pessoas, aves, animais e peixes, estavam abaixo do rei e deviam obedecê-lo, inclusive o gavião, que era seu veloz mensageiro.

A ave foi fiel ao rei por muitos anos, e quando quis se aposentar o rei lhe pediu que trouxesse qualquer criatura viva, ave ou animal e ele permitiria que o gavião futuramente vivesse dessa espécie sem qualquer problema. O gavião então levou uma jovem corujinha ao rei que lhe disse que daqui para frente ele deveria comer corujas.

Um de seus amigos mais sábios disse, “Me diga uma coisa, quando você capturou a corujinha, o que o pai e a mãe disseram?”, e o gavião respondeu que o pai ficou quietinho quietinho e a mãe também ficou quietinha quietinha, nunca disseram nada. O amigo do gavião então lhe disse que devolvesse a corujinha pois como o pai e a mãe não fizeram nenhum barulho, sem dúvida planejavam em suas mentes uma cruel vingança.

No dia seguinte o gavião carregou a corujinha de volta para o pai e a mãe coruja. Enquanto voava para casa, ele viu galinhas e decidiu que pegaria uma. Ele deu um rasante e pegou a menor em suas fortes garras. Então o rei disse ao gavião que daquele momento em diante ele sempre poderia alimentar-se de galinhas.

O gavião levou a galinha para casa, e seu amigo que passou para velho, perguntou o que o pai e a mãe da galinha fizeram quando sua criança foi pega; o gavião então disse:

– Todo mundo fez muito barulho, e a galinha anciã me perseguiu, mas nada aconteceu. Seu amigo então disse que como as aves arrumaram uma confusão, era seguro matar e comer as galinhas, já que pessoas que faziam muito barulho durante o dia iam dormir à noite e não o perturbariam, ou lhe causariam qualquer dano; as únicas pessoas que se deve temer são aquelas que quando são lesadas, se mantêm em silêncio; pode ter certeza que estão tramando alguma traquinagem, e que lhe farão mal durante a noite.<sup>6</sup>

Esta tradução de história é um exemplo de rejeição ao uso do masculino universal. Neste caso uso duas palavras, uma no masculino e outra no feminino, para traduzir uma palavra em língua inglesa, como faço ao traduzir *parents* por pai e mãe ao invés de país. Esta estratégia também está presente na tradução de *quiet quiet* que fica tanto quietinho quietinho como quietinha quietinha. Este tipo de escrita pode causar um estranhamento em quem defende o uso inquestionável do masculino universal, e por isso acredito que é uma maneira eficaz de marcar a minha estética ciente de que estética política e conteúdo estão entrelaçados. Veja bem, ao traduzir a expressão em inglês para duas expressões no português, reforço um momento importante do conto, marcando ainda mais a reação das corujas que é de grande importância

<sup>6</sup> Esta história é uma versão encurtada da tradução da história *Concerning the Hawk and the Owl*. A história na íntegra foi publicada em minha tese e o texto em inglês escrito por Elphinstoney Dayrell faz parte do livro *Folk Stories from Southern Nigeria – West Africa* (1910).

para o desfecho e que também é importante para destacar a ligação desta história com a terceira e última história deste capítulo, **A história de Affiong, do tocador de tambor e dos crocodilos**. Nesta história temos a menção d'**A história do gavião e da coruja** por conta do aprendizado promovido por ela.

Além destes dois contos traduzidos neste terceiro capítulo, conto **A história do trovão e do raio** que é uma das minhas motivações para analisar a introdução do livro de Elphinstone Dayrell publicado em 1910 e do prefácio do seu livro de 1913. O comentário sobre esta história feito pelo escritor escocês Andrew Lang (1910) na introdução do livro *Folk Stoories from Southern Nigeria – West Africa*, despreza a história e questiona a poética das pessoas da Nigéria. Motivada por este comentário, analiso o olhar colonial de Andrew Lang e o de Elphinstone Dayrell no prefácio do livro *Ikom Stories from Southern Nigeria* (1913), e proponho uma apresentação anticolonial e antiracista desta história. Optei por traduzir-contá-la para que ela pudesse ser acessada em língua portuguesa como ferramenta de denúncia da postura colonial do escritor escocês. Fico feliz que essa história foi apreciada quando eu a contei e que ela possibilitou falarmos sobre violências coloniais e enfrentamentos.

É neste capítulo que dou maior destaque ao termo tradutora de histórias contadas, apresentando como cheguei a este conceito. Chamar as minhas apresentações de Tradução de Histórias é uma maneira de visibilizar que esta contação de histórias é feita com histórias traduzidas e também de conectar o processo de tradução e o de contação. Apresento-me como tradutora de histórias contadas, pois o fato de ser contadora é evidente nas apresentações. Já na escrita eu costumo afirmar que conto histórias traduzidas, pois a tradução já é presente e visível no papel. Uso dois termos para designar as mesmas atividades, mudando apenas o foco.

Apresento-me como tradutora de histórias contadas e não apenas como tradutora, para criar um termo que faça referência a contadores de histórias que reivindicam essa nomenclatura. Paulina Chiziane (2013) recusa o título de Romancista e assim como Chimamanda Ngozi Adichie (2009) se nomeia contadora de histórias. Chinua Achebe (1981, p.99) diz ser contador por fazer parte de coisas que são eternas, “como os rios, as montanhas, e o céu, e mitos de criação sobre o homem e o mundo. A história estava lá desde o início. No início havia a palavra. O início era uma história, é a história que cria o homem, então o homem cria outras histórias.” Conceição Evaristo constantemente fala sobre a importância que ouvir histórias tem na sua literatura e no seu conceito de escrevivência. Em uma entrevista concedida a mim e a mais duas colegas, Nana e Jess, ela fala sobre como Machado de Assis e Cruz e Souza são estudados como

se bebessem apenas de fontes brancas européias, como se a experiência negra não fosse constituinte de suas obras (JESUS, CASSILHAS, SANTOS, 2018, p.3).

Já que estamos falando de contadorxs de histórias, é de grande importância para este conceito pensar na figura do griô como figura responsável pela memória, arte e conhecimento, principalmente maneira como é percebido na diáspora. A violência da colonização e a ausência que muitas de nós pessoas negras sente de histórias que nos foram tiradas é denunciada e clamada na figura do griô como no poema *Conta Griot* de Hudson Ribeiro (2015). Ser tradutora de histórias contadas é pensar estratégias para lidar com esta ausência buscando em minha voz maneiras de contar essas histórias traduzidas em português brasileiro.

Concluo o capítulo três contando a experiência com as apresentações refletindo sobre as minhas provocações ao contar histórias de animais. Tento responder à pergunta “O que se espera de histórias de animais?” E a partir das ideias que me vem à mente eu tento de desestabilizar as ideias mais comuns sobre estas histórias que são associadas frequentemente a infância exclusivamente. Por isso apresento três histórias que são bem diferentes em seu conteúdo, personagens e reflexões que propõe.

Desacredito que cada história possa ser reduzida a uma moral apenas, mesmo que nós contadoras e contadores de histórias tenhamos interesses ao contar essas histórias, embora elas façam parte de imaginários coletivos, o aprendizado e a experiência de ouvir essas histórias é também individual. Essas histórias me ensinaram muito enquanto as traduzia. Ao passarem pelo meu corpo e subjetividade, sinto um processo de cura nelas e em mim. Nelas porque foram escritas e coletadas durante o período colonial e fazem parte de um projeto de dominação e violência. Em mim porque aprender com essas histórias é importante, valorizar esse conhecimento e essa arte negra que é muitas vezes reduzida e inferiorizada é muito próximo de me valorizar como bixa preta transviada em uma sociedade racista e transfóbica. Entender o potencial dessas histórias é de alguma forma muito semelhante a entender o meu potencial, essas traduções caminharam junto comigo, pois enquanto eu relia e repensava escolhas tradutórias, ao mesmo tempo me repensava, repensava minha identidade de gênero, a minha maneira de me colocar no mundo prestando mais atenção em mim, em quem eu era e como gostaria de externalizar as minhas múltiplas verdades, inclusive como eu gostaria de ser apresentada. Se as histórias foram marcadas pela violência da colonização, eu bixa preta transviada permaneço violentada pela colonialidade, pois a binariedade (a limitação de ser homem ou mulher) é uma

imposição colonial cristã, mas eu rebato e violência e grito que não sou bicho, sou bixa, bixa preta transviada que desmente o destino da colonização.<sup>7</sup>

Hoje eu contei duas histórias traduzidas, e como vocês certamente já perceberam, embora sejam bem diferentes, as duas contam a origem do hábito do gavião de comer galinhas. Na primeira história, ele passa a comer galinhas como um ato de vingança a uma sociedade que o desprezou apesar do que ele fez. E ainda por cima, com o passar do tempo, com a sua história sendo esquecida, o gavião começou a ser agredido. E é por isso que eu crio este projeto de tradução de histórias, para nos lembrar da hipocrisia colonial e com isso lembrarmos de onde viemos e que podemos existir para além das limitações da colonialidade, pois somos agredidas e agredidos como o gavião, mas sabemos do potencial que as nossas histórias tem de nos reerguer. E fiquem atentas, atentos e atentes, pois, muita coisa pode acontecer e está acontecendo sem muito barulho, quietinhos, quietinhos, quietinhas, quietinhas, quietinhos quietinhos!

E só para você não se esquecer, se mexer com a bixa preta... VAI TER TRETA!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. An Interview With Chinua Achebe. 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/action/doBasicSearch?Query=interview+chinua+achebe&filter>. Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Author Chimamanda Ngozi Adichie on love, race and hair. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-n8LtRi2i8c&t=41s>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. The danger of a single story. TED, Oxford 2009. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/). Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Paulina Chiziane A Páginas Tantas.** 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYIwTj7afJA&gt>. Acesso em: 12 de Junho de 2014.

DAYRELL, Elphinstone. Ikom Stories from Souther Nigeria. London: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. 1913. Disponível em: <https://archive.org/details/ikomfolkstoriesf00dayr>. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

DAYRELL, ELPHINSTONE. Folk Stories from Southern Nigeria, West Africa. 1910a. Disponível em: <https://archive.org/details/folkstoriesfroms00dayr/page/n1>. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

---

<sup>7</sup> Este trecho faz referência a poesia *Manifesto bixa preta* de Luck Yemonjà Banke disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYY6z8sefmE>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

JESUS, Jessica Oliveira de. CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli. SANTOS, Silvana Martins dos. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil. v. 26, n. 3. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/57055>. Acesso em 6 de novembro de 2019.

KILOMBA, Grada. A Máscara. Tradução de Jessica Oliveira de Jesus. In: **Cadernos de Literatura em Tradução**, Brasil, n° 16. Maio 2016. ISSN 2359-5388. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. The Mask. In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

LANG, ANDREW. Introduction. In: DAYRELL, ELPHINSTONE. *Folk Stories from Southern Nigeria, West Africa*. 1910a. Disponível em: <https://archive.org/details/folkstoriesfroms00dayrrih/page/n1>. Acesso em: 31 de maio de 2019.

MEGG – a margem que migra para o centro. Direção: Larissa Nepomuceno e Eduardo Sanches, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7SKVe-IOITg>. Acesso em 26 de junho de 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEBRADA, Linn da. BIXA TRAVESTI, COM LINN DA QUEBRADA #YouTubeTrans #OrgulhoDeSer. [Entrevista concedida a] Roza Luz. YouTube. Barraco da Rosa TV. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j17XRyVfl-c>> Acesso em 23 de setembro de 2018.

OBSON, Mellody. Color blind or color brave? / Mellody Hobson. TED 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oKtALHe3Y9Q>. Acesso em 23 de setembro de 2018.

RIBEIRO, Hudson. **Africanista: Ser Negro**. Vitória: [Ed. Do Autor], 2015.

TALBOT, Percy Amaury. **The Peoples of Souther Nigeria: A sketch of their history, ethnology and languages with an abstract of the 1921 census**. Volume III: Ethnology. London: Frank Cass and Company Limited, 1926.

Recebido em: 08/08/2019

Aprovado em: 20/10/2019